

# AVICULTURA DE CORTE: situação e perspectivas em maio de 2005<sup>1</sup>

Sônia Santana Martins<sup>2</sup>

Em 2004, a avicultura de corte brasileira continuou sua trajetória de crescimento. Em relação ao verificado no ano anterior, a produção cresceu 8%, atingindo 8,5 milhões de toneladas. Seu dinamismo tem decorrido do aumento das exportações, que cresceram 25%, atingindo 2,4 milhões de toneladas em 2004, absorvendo 30% da produção, enquanto a disponibilidade ou consumo interno da carne de frango cresceu apenas 2%, acompanhando de perto o crescimento da população (Tabela 1).

Com esse desempenho o Brasil tornou-se o maior exportador mundial de carne de frango, superando os Estados Unidos, cujo consumo interno crescente absorve a maior parte dos incrementos de produção. A participação do frango brasileiro no mercado internacional passou de 33% em 2003 para 43% do total em 2004 e o rol de países importadores passou de 122 para 144. A receita das exportações de carne de frango atingiu US\$2,6 bilhões em 2004, sendo superada, entre os produtos de origem agropecuária, apenas pelas exportações de soja e derivados. A carne de frango foi o sexto produto mais importante da pauta brasileira de exportações, respondendo por 2,6% do faturamento total das exportações.

O maior crescimento das exportações ocorreu nos volumes de cortes de frango (29%) e menores, mas ainda expressivos, nos casos do frango inteiro (22%) e do frango industrializado (20%). Em termos de receita, a exportação de frango realizada em 2004 apresentou evolução de 44% em relação ao ano anterior, pois além do aumento do volume exportado houve aumento nos preços de exportação.

A valorização da carne de frango em 2004 decorreu dos surtos da doença "influenza" aviária ocorridos desde o final de 2003 que prejudicaram a produção em muitos países e causaram a morte ou o sacrifício de mais de 120 mi-

lhões de aves na Ásia. Essa virose das aves constitui, no momento, o maior problema sanitário em nível internacional e já está sendo considerada endêmica no sudeste asiático. O controle da doença tem se mostrado muito difícil, embora aparentemente tenha sido controlado na China e nos EUA, com grande preocupação que ela atinja outras regiões produtoras e mesmo de que ultrapasse a esfera da segurança alimentar para a esfera da saúde pública, tomando-se uma epidemia humana, pois já ocorreram 50 mortes de pessoas contaminadas pelas aves no Vietnã, Tailândia e Laos. Há, inclusive, a possibilidade de que surjam novas cepas do vírus capazes de realizar a infecção de pessoa a pessoa, tal como acontece com extrema facilidade no caso da "influenza" humana, o que poderia deflagrar epidemias gravíssimas, dada a letalidade da doença.

Países como EUA, Japão e alguns da União Européia estão investindo na produção de vacinas com o objetivo prioritário de proteger suas próprias populações em caso de pandemia. Está em discussão na Organização Internacional de Epizootias (OIE), órgão internacional encarregado do controle de doenças, uma definição que permita a regionalização interna de países e o isolamento de regiões contaminadas, medida que interessa muito à Tailândia, importante país exportador com regiões afetadas pela doença, que foi, por esse motivo, alijada do mercado externo. Essa definição da regionalização interna interessa também ao Brasil pois, embora ainda não tenha ocorrido aqui nenhuma ocorrência da doença, é muito possível que ela surja, pois o vírus é de fácil disseminação por meio de aves, ovos ou mesmo pessoas contaminadas, e já foi encontrado em aves migratórias cuja rota passa pelo País. O fato de a doença não ter chegado aqui constitui enorme vantagem comparativa e todos os cuidados sanitários se justificam para mantê-la. O contingenciamento de verbas do Governo Federal, que atingiu também a defesa sanitária do Ministério da Agricultura, tem sido criticado pelos participantes das cadeias produtivas das

<sup>1</sup>Registrado no CCTC IE-32/2005.

<sup>2</sup>Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Indicadores de Desempenho da Avicultura de Corte, Brasil, 2002 a 2005

Discriminação	2002	2003	2004	2005 <sup>1</sup>	2004/2003 (%)
Produção carne de frango (mil t)	7.517	7.843	8.494	8.950	8
Alojamento matrizes corte (mil u.)	30.499	31.030	33.293	-	7
Produção de pintos (milhão u.)	3.819	3.907	4.277	-	9
Exportação (mil t)	1.600	1.942	2.425	2.670	25
Disponibilidade interna (kg/hab./ano)	33,8	33,3	33,9	34,1	2
Exportação/produção (%)	21,3	24,8	28,5	29,8	-
Taxa de crescimento da produção (%)	-	4,3	8,3	5,4	-
Taxa de crescimento da exportação (%)	-	21,4	24,9	10,1	-
Taxa crescimento da disponibilidade (%)	-	-2,9	1,8	0,6	-

<sup>1</sup>Refere-se a projeções de entidades de classe para o Brasil.

Fonte: APINCO, UBA, ABEF.

carnes que, por outro lado, têm demonstrado boa vontade em participar do financiamento de parte das despesas relacionadas à defesa sanitária.

Os preços levantados pelo Instituto de Economia Agrícola/Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/CATI), mostram que 2004 foi um ano favorável aos criadores paulistas, pois o preço médio real recebido pelo frango vivo coincidiu com o observado no ano anterior e foi o maior dos últimos dez anos, além do que as relações de preço frango/milho e frango/farelo de soja foram relativamente elevadas (Tabelas 2 e 3).

Os preços médios reais de atacado e de varejo observados em 2004 foram apenas ligeiramente inferiores aos de 2003, que constituíram o recorde observado nos últimos oito anos. Já o preço médio de exportação, convertido para R\$ de março de 2005, apresentou seu valor máximo em 2004, favorecendo o aumento ocorrido na exportação.

No primeiro trimestre de 2005, os preços médios reais do frango vivo foram 6% inferiores aos observados no ano passado. Nesse período ocorreu redução também nos preços reais da carne de frango nos mercados de atacado e varejo e nos preços reais de exportação (Tabela 2). A redução do preço de exportação deveu-se à redução da taxa de câmbio, pois o preço médio de exportação em dólar manteve-se praticamente estável.

Em 2004 houve redução na margem do atacado e recomposição na margem do exportador (Tabela 3). Já no primeiro trimestre de 2005, houve recomposição da margem do varejo, pequena redução na margem do atacado e redução mais significativa na margem do exportador. Apesar da redução da margem do exportador em

relação ao produtor, o preço de exportação ainda continua bastante superior ao preço interno no atacado, que seria a alternativa de colocação do produto do exportador do frango *in natura*. Como a parcela exportada já atinge cerca de 30% do total, não se coloca mais a alternativa de exportar ou colocar o produto no mercado interno, pois a segunda opção traria imediata queda dos preços internos, dado que a demanda interna está crescendo a taxas baixas.

Durante boa parte do mês de abril de 2005, os preços do frango vivo foram insuficientes para cobrir o custo de produção, estimado em R\$1,30/1,35/kg, levando em conta o milho comprado por R\$17,00 a R\$18,00 a saca de 60kg. A expectativa é de que os preços da ave viva se recuperem, para fazer frente aos custos de produção atuais e futuros.

Apesar da quebra da produção nacional prevista para a safra 2004/05, causada pela seca em diversas regiões produtoras do País, o abastecimento interno de milho não deve sofrer maiores restrições. A produção, revista pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) para 35,9 milhões de toneladas, completada por estoque oficial de 1,9 milhão de toneladas e estoque privado da ordem de 4,0 milhões de toneladas, deve ser suficiente para o consumo, desde que haja redução nas exportações de milho e alguma importação. É provável, porém, que o preço do milho sofra elevação real, sendo que o mercado futuro já aponta preço de R\$22,35 por saca de 60kg para o mês de julho de 2005.

A liberação da importação de milho transgênico trouxe tranquilidade à avicultura, sendo que o preço de internalização do milho argentino está semelhante ao atualmente praticado no

TABELA 2 - Preços Reais<sup>1</sup> e Variações de Preço do Frango nos Vários Mercados, Estado de São Paulo, 2001 a 2005

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005 <sup>2</sup>
<b>Preço</b>					
Produtor	1,35	1,43	1,62	1,60	1,50
Atacado	1,97	2,02	2,18	2,07	1,92
Varejo	2,53	2,68	3,04	2,89	2,72
Expo FOB (R\$/kg)	3,16	3,21	3,04	3,24	2,79
<b>Variação de preço (%)</b>					
Produtor	-	5,92	13,29	1,23	6,25
Atacado	-	2,54	7,92	5,04	7,25
Varejo	-	5,93	13,43	4,93	5,88
Expo FOB (R\$/kg)	-	1,58	5,3	6,58	13,89

<sup>1</sup>Preço médio anual, em R\$ de março de 2005, deflacionado pelo IPCA.

<sup>2</sup>Média do primeiro trimestre.

Fonte: IEA/SAA e IBGE.

TABELA 3 - Relações entre Preços Médios Anuais da Avicultura de Corte, Brasil, 2001 a 2005

Relação	Unidade	2001	2002	2003	2004	2005 <sup>1</sup>	Média <sup>2</sup>
Frango/milho	kg/kg	6,17	4,43	4,65	5,26	5,54	5,13
Frango/farelo soja	kg/kg	1,75	1,86	2,24	2,38	3,07	2,06
Frango/pinto um dia	kg/u.	2,34	2,75	2,88	2,49	2,42	2,62
Atacado/produtor	kg/kg	1,47	1,40	1,35	1,30	1,28	1,38
Varejo/atacado	kg/kg	1,29	1,34	1,40	1,39	1,43	1,36
Exportador/produtor	kg/kg	2,33	2,25	1,88	2,03	1,86	2,12
Exportador/atacado	kg/kg	1,60	1,59	1,40	1,56	1,45	1,54

<sup>1</sup>Média do primeiro trimestre.

<sup>2</sup>Média 2001 a 2004.

Fonte: Elaborada com dados do Instituto de Economia Agrícola e da Associação Brasileira de Exportadores de Frango (ABEF).

mercado interno. Contudo, as grandes empresas exportadoras de frango não pretendem utilizar milho transgênico, fato que obrigatoriamente deve ser mencionado nos rótulos do produto e poderia causar restrições por parte de importadores e consumidores.

As exportações de carne de frango realizadas de janeiro até o final do mês de abril de 2005 já atingiram 846 mil toneladas, o que indica que a previsão feita pelas entidades de produto-

res no início do ano, de aumento de 10% nas exportações em 2005, deve ser ultrapassada com folga, pois a exportação pode vir a se aproximar muito de 3,0 milhões de toneladas, o que implicaria aumento de produção também significativamente maior do que o inicialmente previsto. Para contornar o problema da queda da taxa de câmbio, os exportadores nacionais estão tentando renegociar o preço dos contratos de exportação.